

## Música. Erudita

FAGOTE  
PARA EMBALAR  
CIRANDA

Fábio Cury, que domina o instrumento com maestria, lança CD primoroso

João Marcos Coelho  
ESPECIAL PARA O ESTADO

Com seu timbre nasalado e ampla tessitura, o fagote é instrumento de sonoridade gaiata por excelência. E isso lhe trouxe, historicamente, mais desvantagens do que vantagens. Quando a intenção é fazer humor, ele sempre está presente; mas, infelizmente, tem uma literatura pequena como solista e camerista.

O barroco Antonio Vivaldi é o campeão do fagote, com seus 12 concertos. Mozart escreveu só um, no entanto belíssimo. E Weber completa a trinca dos que o emanciparam como solista. Modernamente, e afora uma penca de obras francesas menores, Prokofiev tem um Scherzo para quatro fagotes que só poderia ser "humorístico"; e Hindemith um concerto. A russa contemporânea Sofia Gubaidulina tem um excepcional concerto, de 1975, e Stockhausen uma formidável peça-solo, *In Freundshaft*, de 1968. E é só.

Estas informações históricas dão a exata medida da produção brasileira relativamente feita para o instrumento. Mignone escreveu, para fagote-solo, as *Dezesseis Valsas*; Villa-Lobos compôs a *Ciranda das Sete Notas*; e Camargo Guarnieri fez do *Choro para Fagote* sua última obra. Entre os intérpretes, o primeiro nome é o do francês Noël Devos, que veio da França em 1952 para o posto de primeiro fagote da Orquestra Sinfônica Brasileira.

Atualmente, fagote é sinônimo de Fábio Cury, excepcional músico que domina o instrumento com notável maestria. Ex-primeiro fagote da Osesp (demitido por Neschling anos atrás), tem amplo trânsito in-

[estadão.com.br](http://estadão.com.br)

**Áudio.** Ouça *Fagode, Pacote* no site [estadão.com.br/e/d7](http://estadão.com.br/e/d7)



HELOÍSA BORTZ/DIVULGAÇÃO

**Pura magia.** Fábio Cury explora tessitura do instrumento sem uma única falha e oferece um disco denso e consistente

ternacional, mas prefere atuar por aqui. Seu mais recente posto fixo é na Camerata Aberta, de música contemporânea.

Ele está lançando um CD primoroso, *Velhas e Novas Cirandas* (selo Clássicos). Foi gravado em Manaus, no Teatro Amazonas, ao lado da Amazonas Filarmônica, regida por seu titular Luiz Fernando Malheiro (exceto o concerto de André Mehari, a cargo do regente assistente Marcelo de Jesus).

**O disco.** Ouça o CD de trás para a frente. Comece pela última faixa, a imaginativa *Ciranda das Sete Notas*, de Villa-Lobos, de 1933. Em seguida, passe para o

*Choro* de Guarnieri, de 1991. Foi o Villa quem levou a palavra *Choro* para a música erudita, mas com Guarnieri a palavra designa uma obra densa e consistente, em dois movimentos: Improvisando—Calmo; e Allegro. Encante-se com o início-solo do fagote no grave, com a caixa-clara repicando contra um acorde de piano; e depois siga embalado pela emissão perfeita de Cury ao fagote, explorando toda a tessitura do instrumento sem uma única falha. São quase 3 minutos mágicos,

até a entrada das cordas.

Na sequência, ouça o *Concertino* de Antonio Ribeiro, de 2008. Ribeiro foi aluno de Guarnieri e fez a revisão no choro do mestre; e em sua obra, no primeiro movimento,

GRAVAÇÃO FOI  
FEITA EM MANAUS,  
NO TEATRO  
AMAZONAS

um Andante, até se afasta dele, mas retorna no Rápido final, num nacionalismo mais modernizante.

Só então você alcança as três primeiras faixas. E se apaixonava de vez pelo instrumento. Ou seria pela vivacidade de escrita de André Mehari no adorável *Concerto para*

*fagote, cordas e harpa*, composto em janeiro do ano passado? Na verdade, por ambos. Mehari consegue a proeza de trazer o instrumento para os dias de hoje.

O fagote soa ora romântico, ora sério—faz até gaiatices, mas sem se deixar avacalhar. Recupera a dignidade, enfim. São três movimentos em que a harpa quebra qualquer possibilidade de monotonia. Exata a "pegada" gíocosa da Burleske inicial; monteverdiano o emocionante "Lamento" intermediário; e puro Mehari da gema o *Fagode, Pacote* final. Esta é, sem dúvida, uma de suas mais bem-sucedidas obras recentes.